

Um poema latino do P. Baltasar Teles, S. J. (1595-1675)

A latin poem by Father Baltasar Teles, S. J. (1595-1675)

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO¹ (*Universidade Federal do Amazonas — Brasil*)

Abstract: Jesuit Father Baltasar Teles is mostly known for his contribution to Ecclesiastical History. Nevertheless, as a result of his activity as a teacher of Philosophy and Humanities in the Jesuit Colleges at Évora, Braga, Coimbra and Lisbon, he published a voluminous Summary of Philosophy in Latin, besides a brief sample of Latin poetry which is the object of this article.

Keywords: Baltasar Teles; Jesuits; Emanuel Sueyro; new-Christians; neo-Latin poetry.

I

Entre os chamados “clássicos da língua” do século XVII tem merecido lugar de destaque, pelo alto quilate da sua vernaculidade, o jesuíta Baltasar Teles (1595-1675), quer como autor da *Crónica da Companhia de Jesu na Província de Portugal* (publicada em dois tomos, em Lisboa, por Paulo Craesbeeck, nos anos de 1642 e 1647), quer pela refundição e resumo que fez de originais de confrades seus, e que, sob a forma de livro, editado por Manuel Dias, saiu a lume, em Coimbra, no ano de 1660, com o título de *História Geral de Etiópia a Alta (...) abreviada com nova releição e método pelo Padre Baltasar Teles*. Não nos cumpre emitir juízo sobre os seus méritos como historiador² nem tampouco sobre o valor científico do volumoso livro que em latim redigiu e no qual compendiou grande parte das matérias que ministrou, na qualidade de mestre de Filosofia, nos colégios da sua corporação religiosa.

Quanto a este, o certo é que, a avaliar pelo número de edições que dele se fizeram, gozou de algum prestígio, mesmo fora das fronteiras da pátria. Teve a sua primeira edição em 1642 e o seu título completo, embora extenso, é assaz elucidativo acerca das matérias ali versadas:

Texto recebido em 17.10.2014 e aceite para publicação em 28.11.2014.

¹ aguimaraesp@gmail.com.

² Vejam-se, como boa síntese, as palavras que o P. Francisco RODRIGUES, S. J., consagra à vida e labor historiográfico deste seu confrade na *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, III/I, Porto, Apostolado da Imprensa, 1944, 151 e seguintes.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 17.1 (2015) 413-428 — ISSN: 0874-5498

Summa uniuersae philosophiae. Cum quaestionibus theologicis quae hodie inter philosophos agitantur. Auctore P. M. Balthazare Tellez, Lusitano, Vlyssiponensi, e Societate Iesu, primario Vlyssipone theologiae Professore. Tomus unicus qui in utilitatem studiosorum in duplex uolumen secari potest, utrumque suo peculiari indice notatur. Primum uolumen continet duas partes: in prima agitur de logica; in secunda de physica, de libris de caelo ac de meteoris. Secundum uolumen continet tertiam et quartam partem. In tertia agitur de metaphysica; in quarta de libris de ortu et interitu; nec non de libris de anima. Nunc primum prodit. Vlyssipone. Cum omnibus facultatibus. Ex officina Laurentii de Anueres. Anno Domini 1642,

ou seja, em tradução portuguesa:

Resumo de toda a filosofia. Juntamente com as questões teológicas que hoje em dia se discutem entre os filósofos. Da autoria do português, de Lisboa, Padre Mestre Baltasar Teles, da Companhia de Jesus, professor da primeira classe de teologia em Lisboa. Tomo único que, para vantagem dos estudiosos, se pode dividir em dois volumes, cada um dos quais contém o seu índice particular. O primeiro volume contém duas partes: na primeira trata-se da lógica; na segunda da física, dos livros acerca do céu e acerca dos meteoros. O segundo volume contém a terceira e quarta partes: na terceira trata-se da metafísica; na quarta dos livros acerca do nascimento e morte, e também acerca dos livros acerca da alma. Publicado agora pela primeira vez. Em Lisboa. Com todas as licenças. Da oficina de Lourenço de Anveres, no ano do Senhor de 1642.

Ora, antes de se dedicar, por quatro anos, exclusivamente ao ensino das matérias filosóficas,³ de que resultou este ponderoso livro, sabemos que Baltasar Teles iniciou a sua longa carreira docente nas escolas da Companhia de Jesus (em cujo noviciado entrara a 24 de março de 1610) como professor de humanidades, que ensinou durante nove anos, nos colégios de Braga, Évora, Lisboa e Coimbra. Supomos que o ensino da língua latina e o trato constante com as grandes obras da cultura clássica — quer numa perspectiva retórico-literária, quer tendo em visto o adestramento no idioma do Lácio, atividades que constituíam de facto o núcleo do programa que lhe competia ministrar a uma grei de jovens alunos⁴ candidatos à

³ Também ensinou teologia especulativa e moral pelo período de oito anos, em Coimbra e Lisboa, conforme nos ensinam Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana, sub nomine*, e o já citado P. Francisco Rodrigues.

⁴ Entre os quais se destacou no mundo das letras D. Francisco Manuel de Melo, que, como nobre homenagem ao seu antigo mestre do Colégio de Santo Antão, escreveu o laudatório texto que se pode ler nas pp. XXI a XXVII (não numeradas) da *História Geral*

frequência do ensino superior —, quadrariam à maravilha com uma vocação ou pendor literário que, usando da tradicional expressão, lhe “estaria na massa do sangue”, uma vez que é inconcusso o seu próximo parentesco com Francisco de Moraes,⁵ o autor do celebrado romance de cavalaria *Palmeirim de Inglaterra*, cuja primeira edição data de 1567, obra e Autor

de Etiópia a Alta, barrocamente assim intitulado: “Antidoron ou remuneração oferecida ao leitor desta *História* pelo afeto, pelo reconhecimento da benignidade da doutrina que ao muito reverendo Padre mestre Baltasar Teles, da Companhia de Jesus e Provincial da Província Lusitana, deve seu maior amigo e seu menor discípulo D. Francisco Manuel.”

⁵ Barbosa Machado, na entrada, já referida, que na *Biblioteca Lusitana* consagra ao padre Teles, sobre a sua ascendência apenas refere que era filho de João Teles e de Francisca de Moraes. E, no artigo consagrado a Francisco de Moraes, escreve que este foi “filho do Doutor Álvaro de Moraes e tio, pela parte materna, do Padre Baltasar Álvares.” Pelo seu lado, Inocêncio Francisco da SILVA, no tomo 1º do *Dicionário Bibliográfico Português*, sub nomine Baltasar Teles, diz que este “foi bisneto do célebre Francisco de Moraes.” O linhagista Cristóvão Alão de Moraes, finalmente, na *Pedatura Lusitana*, tomo 3º, volume 2º, Porto, Livraria Fernando Machado, 1945, pp. 316-7, no título consagrado a “Valcares-Morais”, depois de dar Francisco de Moraes Cabral *Palmeirim* como filho de um Sebastião de Moraes, de quem, de modo perfeitamente anacrónico, diz que fora encarregado pelo rei D. Sebastião de uma missão a Fez, apresenta aquele como pai de uma Dona Antónia de Moraes, mulher de Francisco Correa, de Setúbal, “que morreu em Alcácer”, que, entre outros filhos, tiveram Dona Francisca de Moraes de Sá, “mulher de João Telli, cônsul das nações inglesa, escocesa e irlandesa”, pais do Padre Baltasar Teles. Talvez não seja arbitrário coligir dos confusos dizeres de Alão de Moraes que existiu um segundo Sebastião de Moraes, filho do primeiro, e portanto irmão do Francisco, autor do *Palmeirim*, o qual, a confirmar-se esta hipótese, teria sido tio-avô de Teles, com o que a informação da *Biblioteca Lusitana* ganharia foros de parcialmente verdadeira. Infelizmente, para nos conduzir nesta *oscura selva*, não se encontra um fio menos enleado entre os muitos autores mais modernos consultados, de entre os quais cumpre salientar a Professora Doutora Margarida Maria de Jesus Santos Alpalhão, conhecedora como ninguém em Portugal da obra e biografia de Francisco de Moraes, a qual, consoante amavelmente me comunicou e aqui penhorado agradeço, embora não totalmente segura quanto ao tipo de liames de parentesco entre Teles e Moraes (tema aliás relativamente lateral em relação ao objeto primacial das suas pesquisas), propende a admitir que o vínculo entre ambos os escritores poderá ser o de bisavô para bisneto. Veja-se, na dissertação de doutoramento da citada Autora, intitulada *O amor e os livros de cavalaria — o Palmeirim de Inglaterra e Francisco de Moraes: edição e estudo*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008, sobretudo os Apêndices 2 e 6.

acerca dos quais, com compreensível e não disfarçado orgulho, escreveu, no prefácio à *História de Etiópia*, as palavras seguintes:

(...) por estas duas causas se fingiram de Etiópia histórias mais aéreas e mais escusadas no mundo do que foram as do nosso insigne brigantino Francisco de Moraes, porque este Autor com a amenidade de seu florido engenho e com a suavidade de seu eloquente estilo só pretendeu recrear aos leitores, com fábulas doudas e com ficções engenhosas.⁶

Nesta suposição de um forte talante literário, revelado sobretudo no fidelíssimo apego à lição dos grandes poetas latinos, nos corrobora o testemunho do antigo discípulo D. Francisco Manuel de Melo, que, escrevendo quando o nosso Autor se encontrava em idade, se não provecta, pelo menos já francamente madura, nos informa de que

não se queixarão os Marões, os Flacos, os Sulmonenses, os Terêncios de que lhes guardou infiel companhia, aquele que inteiramente hoje os recita de cor, com maravilha dos ouvintes e com enveja da lembrança.⁷

Sendo certo que nos ficou, em volume com um total de quase oitocentas páginas, maciça prova impressa do expedito manejo da língua latina por parte do Padre Baltasar Teles, a verdade é que, como facilmente se depreende, considerando os temas versados e os fins estritamente didáticos em vista, a *Summa uniuersae philosophiae* não poderia ser obra de molde a revelar os elevados merecimentos literários e a aproveitada lição dos clássicos de quem quer que fosse. Mesmo assim, com todas as estreitezas e limitações que facilmente se conjecturam, Teles escreve com elegante desempenho, refrigerando o árido das matérias e amenizando o sáfaro do costumeiro linguajar escolástico mediante amiudadas citações de escritores clássicos, estilo e recurso de que daremos exemplo através da transcrição e tradução, que faremos em apêndice, da dedicatória deste *Resumo de toda a filosofia*, amostra em que reponta um tal ou qual ressaibo culterano, em conformidade com o gosto da época.

Do nosso Autor, porém, restam-nos, pelo menos, outros três textos latinos, quase desconhecidos, de extensão bem mais reduzida, mas nos quais a intenção literária foi a predominante. Dois deles encontram-se

⁶ *História de Etiópia a Alta*, op. cit., 2.

⁷ Página XXIV da já citada edição da *História de Etiópia a Alta*.

manuscritos e guardam-se no códice 1936 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT, onde, o primeiro, intitulado *De laudibus Philosophiae a Patre Balthazare Telles*, ocupa os fólhos 250v-255v, e o segundo, que imediatamente o segue, pode ler-se entre os fólhos 254r-255v, encabeçado pelo título *Pro examine Baccalaureorum, a P. M. Balthasare Telles*.⁸ Como se colige pelos títulos, trata-se de *orationes* latinas destinadas a dignificar cerimónias académicas concretas, nas quais o orador, glosando os temas da praxe para cada uma das situações, deveria dar mostras de todo o seu engenho e arte latinos dentro da estreiteza das balizas impostas.

Quanto ao terceiro dos textos latinos, que é aquele que motivou a presente nótula e de que vamos ocupar-nos agora, o seu propósito quase exclusivamente literário é para nós manifesto devido ao facto de o Autor ter escolhido a forma poética. Trata-se de seis dísticos elegíacos, de perfeita fatura, nos quais Baltasar Teles, então *professor da primeira classe de Retórica*, junta a sua voz ao coro numeroso e variegado de poetas que, nas páginas liminares de um bem nutrido infólio, fazem o encómio do seu Autor. Ora, a obra, publicada em Antuérpia (ou Anveres), *en casa de Pedro y Iuan Beleros*, no ano de 1624, era o tomo primeiro (seguir-se-á, no mesmo ano, um segundo) dos *Anales de Flandes*, escritos em castelhano por Emanuel Sueyro,⁹ curiosa figura de homem de letras, que, na página de rosto desta obra sobre a história da Flandres, se apresenta como *señor de Voorde, cauallero del habito de Christo, Fidalgo de la Real Casa de Su Magestad, y Entretenido cerca de la persona de Su Alteza*. Na *suma del privilegio*, assinada por S. Steenhuyse, consigna-se que o Autor era *hijo de Diego Lopez Sueyro, cauallero del habito de Christo, comendador de San Martin del Obispo, Fidalgo de la Casa de Su Magestad, y su consejero en el Consejo Supremo de Hazienda*, informação articulada de forma anfibológica, porquanto nos suscita dúvida sobre se foi o filho ou o pai o detentor dos cargos de conselheiro régio. A informação biográfica que se colhe na *Biblio-*

⁸ Vd. Sebastião Tavares de PINHO, “Um códice latino de literatura jesuítica quase desconhecido: o códice 1936 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT”: *Humanitas* 57 (2005) 381.

⁹ Foram estas as formas do nome e sobrenome que o Autor usou nas suas obras literárias, conquanto Barbosa Machado e os documentos da feitoria portuguesa de Antuérpia as escrevam de acordo com a ortografia portuguesa: Manuel Soeiro.

teca Lusitana, sub nomine Manuel Soeiro, também não é de molde a esclarecer-nos, uma vez que Barbosa Machado começa por dizer-nos que Sueyro nasceu em Antuérpia (ou Anveres) a 20 de fevereiro de 1580: ano que está em contradição, por um lado, com a legenda da gravura que, no fólho que imediatamente antecede o texto dos *Anales*, nos representa, a corpo inteiro e trajado de lustrosa armadura, encimada de imensa golilha, o galhardo Autor, de pera e bigode, uma mão no punho da espada e a outra pacificamente repousando sobre um livro aberto, na viçosa idade de 37 anos, no ano de 1624 (*aetat. an. XXXVII. 1624* e as iniciais do nome do gravador, que correspondem às do artista Pieter de Jode); por outro, com a idade e ano de morte que o operoso Abade de Sever atribui ao seu biografado, que diz que morreu em Bruxelas, em 1629, com 42 anos.

Depois destes dois flagrantes erros de aritmética, que em boa verdade podem resultar de “gralha” na impressão do ano de nascimento, e para complicar mais as coisas, Barbosa Machado apresenta Manuel Soeiro como filho de Francisco (e não Diogo) Lopes Soeiro, natural de Loulé, cônsul da Nação Portuguesa em Antuérpia, sem qualquer referência a cargos ou títulos de nomeação régia: situações estas últimas que, se não nos equivocamos, já por si sós apontam claramente para estirpe cristã-nova.¹⁰ Ora, o certo é que este luso-flamengo, que, pelo que se depreende, nunca abandonou a terra em que nasceu, escreveu em espanhol toda a sua obra literária, que, além dos *Anales*, compreende sobretudo estimadas traduções de Tácito, Salústio e Valério Patérculo. Foi, igualmente, generoso patrono de

¹⁰ Como se poderá confirmar consultando a tese de doutoramento de Florbela Veiga FRADE, intitulada *As relações económicas e sociais das comunidades sefarditas portuguesas. O Trato e a Família*, Lisboa, 2006 (policopiada). De facto, por esta obra, para a qual a Autora compulsou nos arquivos locais abundante documentação relativa à comunidade portuguesa de Antuérpia, se vê que Diogo (e não Duarte, como erradamente escreveu Barbosa Machado) Lopes Soeiro era rico mercador sefardita (especializado sobretudo na importação de “açúcar, anil, conservas, cravo, figos, gengibre, passas e pimenta”), constando da lista de proprietários residentes em Antuérpia, pelo menos nos anos de 1591, 1604, 1611 e 1614. Mais nos informa esta pesquisadora que nos anos de 1571 e 1585 exerceu a função de feitor ou cônsul da Nação ou comunidade portuguesa em Antuérpia um Simão Soeiro, parente próximo de Diogo ou confusão na escrita do nome por parte do informador de Barbosa. Vd., op. cit. 186, 354 373, 375, 376, 383 e 408-9.

uma tipograficamente belíssima obra em latim destinada à glorificação dos reis da sua pátria do coração, como aliás consta da própria página de rosto:

Anacephalaeoses, id est, Summa Capita actorum regum Lusitaniae, auctore P. Antonio Vasconcellio, Societatis Iesu sacerdote, theologo Olysiipponensi. Accesserunt epigrammata in singulos reges ab insigni poeta Emmanuele Pimenta, eiusdem Societatis, et illorum effigies ad uiuum expressae, cura et sumptibus Emmanuelis Sueyro, regiae catholicae Maiestatis aulici familiaris, equitis militiae Saluatoris nostri Iesu Christi, et Domini de Voorde. Antuerpiae, apud Petrum et Ioannem Belleros. Anno MDCXXI. Cum gratia et priuilegio

o que quer dizer, em tradução portuguesa:

Anacefaleoses, ou seja, Epítome dos cometimentos dos reis de Portugal, de que é Autor o Padre António de Vasconcelos, sacerdote da Companhia de Jesus, teólogo, natural de Lisboa. Juntaram-se composições poéticas dedicadas a cada um dos reis pelo insigne poeta Manuel Pimenta, da mesma Companhia, e os retratos dos mesmos, reproduzidos ao vivo, graças à diligência e munificência de Emanuel Sueyro, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem do nosso Salvador Jesus Cristo e Senhor de Voorde. Antuérpia, nos prelos de Pedro e João Belleros. Ano de 1621. Com as licenças e privilégio.

Compreende-se esta ligação de Sueyro a membros da Companhia de Jesus se nos lembrarmos de que fora aproveitado aluno do importante Colégio que os inicianos tinham na sua cidade natal, instituição de ensino que, conforme se conclui da leitura da tese de Florbela Veiga Frade há pouco citada, mantinha excelentes relações com a comunidade lusa de Antuérpia. Seria talvez com o duplo propósito de, por um lado, manter vivos os vínculos com a pátria dos seus maiores e, por outro, prestigiar o seu nome e reputação intelectual aos olhos de flamengos, sempre suspicazes diante de portugueses, por acréscimo de origem hebraica, que Sueyro estabeleceu vínculos, que se adivinham estreitos, com jesuítas portugueses das academias de Coimbra e Évora, com certeza graças à mediação dos seus antigos mestres escolares, que, como era hábito nesta corporação religiosa, muito provavelmente mantinham correspondência epistolar com os confrades lusitanos.

Passando agora a centrar a nossa atenção nos textos laudatórios que antecedem os *Anales*, verificamos que:

— no f. 4 (não numerado, como aliás acontece com todos os que antecedem o texto histórico propriamente dito) se encontram duas composições

poéticas latinas, em distícos elegíacos: *In laudem Emanuelis Sueyro, equitis militiae Domini nostri Iesu Christi, Collegium Conimbricense Societatis Iesu accinebat* [“Em louvor de Manuel Sueyro, cavaleiro da Ordem Militar de nosso Senhor Jesus Cristo, o Colégio de Coimbra da Companhia de Jesus entoava”: 7 distícos elegíacos]; *In laudem eiusdem auctoris* [“Em louvor do mesmo Autor”] também 7 distícos, seguramente de anónimo(s) poeta(s) do Colégio conimbricense da Companhia;

— no f. 4v, e também com certeza da autoria de jesuíta(s) lusitano(s) que quis (ou quiseram) manter o anonimato, um poema igualmente em sete distícos elegíacos, consagrado a *Balduino Ferreo, primo comiti* [“A Balduino Braço de Ferro, primeiro conde da Flandres”]; com a mesma ausência de autoria e em 5 distícos, segue-se o poema consagrado *Eidem Ferreo* [“Ao mesmo Braço de Ferro”];

— no f. 5, da autoria de Gaspar Fernandes, podemos ler, sob forma dialogada, 20 distícos, encimados pelo título seguinte: *Ad comites Flandriae, per Emanuele Sueyro, equitem militiae Domini nostri Iesu Christi in lucem editos, dialogismus. Auctore Gaspare Ferdinando, praefecto studiorum Eborensis Academiae* [“Aos condes da Flandres, trazidos à luz por Manuel Sueyro, cavaleiro da Ordem Militar de nosso Senhor Jesus Cristo, composição em forma dialogada, da autoria de Gaspar Fernandes, prefeito dos estudos da Universidade de Évora”];

— finalmente, o f. 5v inclui nove distícos do Padre Sebastião da Fonseca: *In laudem eiusdem Auctorem. P. Sebastianus a Fonseca, secundarius professor Eborensis Academiae* [“Em louvor do mesmo Autor. Da autoria do P. Sebastião da Fonseca, professor da segunda classe da Universidade de Évora”] e os 7 distícos de Baltasar Teles, que motivaram este nosso breve artigo: *In laudem eiusdem Auctoris. P. Balthasar Telles Soc. Iesu. Magister primae classis classis Rhetorices* [“Em louvor do mesmo Autor. P. Baltasar Teles, professor da primeira classe de Retórica”].

Seguem-se, ocupando os fólhos 6 a 8, outros textos poéticos de carácter também panegírico, de autores aparentemente flamengos e escritos em latim, com a excepção da última composição, que é um soneto, em castelhano, do também castelhano, prolífico e por vezes genial Lope de Vega Carpio, *A Emanuel Sueyro, Señor de Voerde, cauallero del habito de Christo*, que

o leitor interessado pode encontrar reproduzido no artigo biográfico de Barbosa Machado.

Ora, embora de pouco avantajadas dimensões, a verdade é que os catorze versos do português Teles não fazem fraca figura, e parece-me até que superam assaz em graciosidade, elegância e imaginação, os doze decassílabos do *Fénix de los ingenios*, que com certeza contaria este seu soneto entre os menos felizes dos mais de três mil que escreveu. Como o leitor verá, o nosso Autor, sem deixar de pisar a esperada senda da descompassada hipérbole, nem de recorrer exclusivamente às referências mitológicas e literárias que a cultura clássica lhe oferecia, engasta as previsíveis alusões a Tito Lívio (que tampouco falta no soneto de Lope: *Para que fueses Lusitano Libio*¹¹), Marte e Apolo numa imaginosa fala em que, desde as alturas, as musas (ao que supomos) se confessam em sérias dificuldades para colocar no soberano lugar que lhes cabe os novos astros com que o resplandecente engenho de Emanuel Sueyro veio enriquecer o céu das letras.

Leiamos então, primeiro o texto latino de Teles, a que se segue a tradução que dele ousámos perpetrar.

¹¹ Este *Libio*, assim grafado, embora corresponda à pronúncia castelhana e apareça com alguma frequência nos textos em espanhol até à regularização ortográfica operada a partir do século XIX, poderia dar pé a alguma interpretação maliciosa, tendo em conta o pendor satírico do engenho do grande comediógrafo madrileno.

In laudem eiusdem Auctoris¹².

P. Balthasar Telles Soc Iesu. Magister primae classis Rhetorices

Hos ubi sidereo uidere ex aethere fastos,
 Crediderim aethereos haec cecinisse choros:
 Quae noua lux orbem radiantibus imbuit astris?
 Quot dedit ille libros, astra tot ille dedit.
 Dum calamo Emanuel heroum encomia tractat, 5
 Non tam praecipiti Liuius ore tonat.
 Quid, cum bella sonat metuendo in puluere? Martem
 Deposita credas scribere bella tuba.
 Quid Martem? In lucem qui facta antiqua uirorum
 Extulit, hic Solis lumina solus habet. 10
 Heroum laudes, Martis uim et lumina Phoebi
 Exsuperas calami laudibus, Emanuel.

¹² Emanuel Sueyro, *Anales de Flandes. Tomo primero*, Anvers, en casa de Pedro y Iuan Beleros, 1624, [f. *5v^o].

Em louvor do mesmo Autor.
Pe. Baltasar Teles, professor da primeira classe de Retórica

Quando contemplaram do estrelado céu estes Anais,
Os coros célicos creio que assim cantaram:
“Que nova luz adorna o firmamento com astros rutilantes?
São tantos os astros que nos deu, quantos os livros que nos deu.
Enquanto com sua pena Manuel escreve as loas dos heróis,
A voz de Lívio não ressoa tão ligeira.
Que dizer, quando escutar faz as lides que no temível pó se travam?
Visos dá de que Marte, largando a tuba, escreve as guerras.
Que digo, Marte? Àquele que à luz expõe antigos feitos de varões,
A ele, e só a ele, do sol pertence a luz.
Ó Manuel, com tua gloriosa pluma, superas glórias de heróis,
De Marte as forças e os fulgores de Apolo.”

II

APÊNDICE

Summa uniuersae Philosophiae (...) Auctore P. M. Balthazare Tellez (...) Vlyssipone (...) Ex officina Laurentii de Anueres. Anno Domini 1642.

[*3]

Illustrissimo uiro Antonio Gomezio de Matta Coronellio, in Lusitaniae regnis regio et maximo cursorum praesidi etc

Ea demum, illustrissime uir, exoptata quondam peropportune nuper se se mihi obtulit opportunitas ut tibi uni, qui pluribus dona plurima tribuis liberalis, donum aliquod offerrem officiosus, sed non ea me solummodo uota fatigabant, ardebat nimirum tota Societatis Prouincia gratificandi tibi desiderio, quid tamen tribueret non habebat, neque enim tua fortuna remunerandi desiderat uicem, nec nostra suppetit retribuendi facultatem. Quid enim possent inopes diuiti praestare? Quid humiles uiro excelso? Quid arrogarent paruuli et exiles magno et liberalissimo heroi exhibere?

Enimvero quis locus est in tota Lusitania, quod templum Vlyssipone, qui religiosorum hominum coetus qui me tanti uiri clementiae et liberalitatis non admoneat? Quem non fatigat própria largitio, nisi quando cessauit aliena indigentia; quem non egenorum grauat multitudo, nisi quamdiu illorum non alleuatur necessitudo. Quid, quae Societati quotidie magna impendis, heros maxime? Quae redigo in silentium, non ingratus beneficiis, sed oppressus multitudine.

Quod, si *Homo homini*, ut est in ueteri paroemia, *liberalitate fit Deus*, nemo mihi iure poterit succensere si tanti uiri clementiam ac liberalitatem diuinam potius dixerim quam humanam. Humanum quidem est si homini indigent opemque exigent opituleris; at diuinum plane est si indigentiam praeuenias, si gratiam, antequam rogeris, erogaueris. Regia quidem uirtus est lapsis succurrere et erigere cadentem; at diuinum prope est ante lapsum currere titubanti et minitantem ruinam longe a ceruicibus propulsare. Haec qui praestet non illum ego cum summis uiris comparo, sed simillimum Deo adiudicare, nec mea peculiaris audacia ista fuit: *Est enim*, ut de clementia Clemens dixit Alexandrinus, *homo bene faciens numinis imago*. [*Pietas Deo hominem assimilat. Clem. orat. adhortatoria ad Gent.*] Huc tua te liberalitas euexit ut uota praecurras indigentium; hac te caelo intulit tua clementia, ut diuina plane benignitate diuini numinis referas simulacrum. Quidni?

[*3]

Ao mui ilustre varão António Gomes da Mata Coronel,¹³ correio-mor no reino de Portugal etc

Enfim, mui ilustre varão, muito a propósito se me ofereceu agora esta oportunidade, vivamente de há tempos desejada, de, como é justo, oferecer-te algum presente, só a ti, que liberalmente tantos repartes por tantos, mas a verdade é que eu não era o único a sentir-me inquietado com este desejo, porquanto a totalidade da Província da Companhia de Jesus ardia no anelo de presentear-te, conquanto não tinha com que pagar-te, uma vez que nem a tua condição deseja receber o retorno da recompensa, nem a nossa dispõe da possibilidade de retribuir. De facto, que poderiam homens pobres oferecer ao pecunioso? Ou humildes dar a um varão de elevada posição? Ou que se atreveriam franzinas criancinhas a mostrar a um herói?

Ora, que canto existe em todo o Portugal, que templo em Lisboa, que comunidade de religiosos que não me lembre a bondade e liberalidade de um tão distinto varão? O qual não se cansa de ser generoso senão quando cessam as necessidades alheias e a quem não molesta o grande número dos indigentes senão enquanto não lhes mitiga as precisões. Que dizer em relação aos grandes gastos que todos os dias despendes com a Companhia, ó insuperável herói? Que remeto ao silêncio, não por ingrato aos benefícios, mas esmagado pela sua multidão.

Pelo que, se, consoante afirma um velho rifão, através da liberalidade, o homem torna-se Deus para o homem, não haverá alguém que com justiça me possa censurar, se qualificar a bondade e liberalidade de um tão grande varão como mais divina do que humana. Sem dúvida que é humano ajudar um homem necessitado e que pede ajuda; é, porém, virtude totalmente divina anteciparmos à necessidade do próximo e fazermos o favor antes de nos pedir; certamente que é uma virtude própria de reis ajudar os que tombaram e levantar o que cai; é, porém, virtude quase divina acudir antes da queda a quem cambaleia e afastar para longe dos ombros a ameaça prestes a desabar. A quem assim procede eu não o comparo com os mais eminentes varões, mas atrever-me-ia a considerá-lo totalmente semelhante a Deus, e esta opinião não é atrevimento exclusivamente meu, porquanto, consoante acerca da clemência escreveu Clemente de Alexandria: O homem que faz o bem é uma imagem da divindade.¹⁴ A tua generosidade a tais alturas te guindou que vais antecipadamente ao encontro dos desejos dos necessitados; a tal ponto a tua bondade te introduziu no céu que com uma generosidade deveras divina imitas a divindade. Porque não?

¹³ 6º correio-mor do reino e 2º das cartas do mar, cargos que desempenhou entre 1607 e 1641.

¹⁴ A nota marginal consigna: “A compaixão torna o homem semelhante a Deus. Clemente, *Discurso de exortação aos pagãos*.”

*Nam cum uincamur ab omni
Munere, sola uiros aequat clementia diuuiis.*

[Claud. in 4 consul. Honorii]

Quid, si reliquas, praeclaras quidem animi tui dotes proseguar? Quid, si [vº] tuarum uirtutum numerosas enumerem supellectilem? Quid, si parentum gentilia decora? Quid, si primarias affinitatum necessitudines, quibus te nemo in Lusitania superat, euoluerem? Quid, si aequibilem illam tranquillamque per tot annos senilis prudentiae grauitatem? Vt merito in te ornando affluentem Dei gratiam uideam apertam, quia tu numquam pauperi manum clausisti tuam.

Quid erro uiro Maximo amicorum minimus, quid pauper diuiti largietur? Profecto occurrit nihil! Sola igitur ea fuit Philosophiae audax felicitas ut sola te peteret animosa suis te diuitiis ornatura. Neque ideo minus tibi gratum et idoneum erit hoc munus quod numquam Philosophiae aris alumnus litasti: sic enim omnibus ex aequo constabit te numquam Philosophiae opibus indiguisse, cum te, quasi tui indigna, libenter quaerat Philosophia, teque philosophorum praecepta addiscere potuisse, exempla referre maluisse, minus enim est quod illi uerbis docent quam quod tu factis exprimis, sicut de patriarcha sanctissimo Ambrosium nectar instillauit: *Quem uotis, inquit, suis Philosophia non potuit aequare: minus est quod illa finxit quam quod iste gessit, maiorque ambizioso eloquentiae mendacio simplex ueritatis fide.* [Ambro. de Abraham lib. 1. c. 2] At enim non tibi pars aliqua offertur Philosophiae, quia tu per partes munera conferre nescis: tota igitur liberaliter funditur, quia totus in bene faciendo liberalissime te effundis.

Accipe igitur, heros magne, paruam hanc Philosophiae Summam, quam mihi labor summus extudit, et diuturnior cura bis senos per annos inuigilatam, purgatum ad unguem saepius castigauit: Summa est, summum desiderat patronum, et scientiarum maxima uirum maximum postulabat. Tuis auspiciis, tuis largitionibus e tenebris ad praeli ac caeli lucem euocatur, sic etiam feliciter tibi desinet si coronidem, immo coronam, nostro imponas operi Coronellius.

Vale

Amicorum addictissimus
Balthazar Tellez

*É que, sendo certo que em todas as mercês os deuses nos superam,
Só a bondade a eles nos iguala.*¹⁵

E que direi, se pretender expor as tuas restantes qualidades de alma, indisputavelmente elevadas? Ou [v] enumerar o numeroso tesoiro das tuas virtudes? Ou aludir ao lustre de fidalguia dos teus progenitores? Ou evocar os laços de parentesco com a primeira nobreza, em razão dos quais não há em Portugal ninguém que se te avanteje?¹⁶ Ou aquela inalterável e tranquila gravidade da madura ponderação mantida durante tantos anos? Que, para te exaltar, eu veja aberta a mão de Deus com razão transbordante de Sua graça, porque ao pobre tu nunca fechaste a tua mão.

Por conseguinte, que poderá presentear o menor dos amigos ao mais elevado dos varões? Que poderá oferecer o pobre ao rico? Evidentemente que nada! Portanto, só a Filosofia teve a atrevida ventura de ser a única a corajosamente se te dirigir a ti para te ornamentar com as suas riquezas. E este presente não te será menos apazível nem indigno de ti pelo facto de que nunca frequentaste como aluno as aulas de Filosofia: é que assim para todos ficará por igual manifesto que tu nunca precisaste das riquezas da Filosofia, uma vez que é a Filosofia quem de bom grado te procura, como se fosse indigna de ti, e que terias podido aumentar os preceitos dos filósofos, mas preferiste dar exemplos, pois é menos o que aqueles ensinam com as palavras do que aquilo que tu dás a conhecer mediante o que fazes, tal como a propósito do mais santo dos patriarcas gotejou o ambrosino néctar, ao dizer: *A este não pode igualá-lo a Filosofia com as suas pretensões: é menos o que ela conjecturou do que o que ele realizou, e é maior a simplicidade com fé na verdade do que a ambiciosa mentira da eloquência.*¹⁷ Ora, mas não se te oferece alguma parte da Filosofia, porque tu não sabes dar presentes repartidos: Por conseguinte, toda liberalmente se espalha por ti, porque por inteiro tu te derramas com a máxima liberalidade em praticar o bem.

Por consequência, ó grande herói, aceita este pequeno Resumo de Filosofia, que sumo trabalho me custou, e um mais prolongado desvelo apurou ao longo de doze anos e mais amiúde corrigiu com todo o esmero: é um Resumo, e sente a falta de um sumo protetor, e a mais ilustre das ciências exigia o mais ilustre dos varões. Graças à tua proteção e liberalidade foi mandado vir das trevas para luz dos prelos e do céu, e assim também venturosamente se despedirá de ti, se, como Coronel, puseres a corónide e ponto final, ou melhor, a coroa à minha obra.

Fica bem

O mais penhorado dos teus amigos, Baltasar Teles

¹⁵ Nota marginal: "Claudiano, *Sobre o quarto consulado de Honório*."

¹⁶ A família Gomes da Mata Coronel era notoriamente cristã-nova, ocupando alguns dos seus membros lugares de destaque na comunidade lusa de Antuérpia, como poderá confirmar-se compulsando a tese de Florbela Veiga Frade já citada.

¹⁷ Nota marginal: "Ambrósio, *Sobre Abraão*, l. 1, c. 2."

Resumo: Baltasar Teles, S. J., deixou o seu nome ligado sobretudo à historiografia religiosa. No entanto, como resultado da sua longa docência das disciplinas de Humanidades e de Filosofia, deixou obra impressa em latim. Neste artigo, além de se traduzir a introdução do seu volumoso compêndio de filosofia, ocupamo-nos sobretudo de uma breve incursão de Teles pelos domínios mais amenos da poesia, em que não se mostrou infiel a um pendor literário, não estranhável em um parente próximo do célebre Francisco de Moraes, autor do “Palmeirim de Inglaterra”.

Palabras clave: Baltasar Teles; jesuítas; Manuel Soeiro; cristãos-novos; poesia neolatina.

Resumen: Baltasar Teles, de la Compañía de Jesús, dejó relacionado su nombre sobre todo con la historiografía religiosa. Sin embargo, como resultado de su extensa labor docente en las disciplinas de Humanidade y Filosofía, también dejó obra impresa en latín. En este artículo, además de traducir la introducción de su voluminoso compendio de filosofía, nos ocupamos sobre todo de una breve incursión de Teles por los dominios más deleitables de la poesía, en los que no le faltó fidelidad a una inclinación literaria, lo que no es de extrañar en un pariente cercano del célebre Francisco de Moraes, autor del “Palmerín de Inglaterra”.

Palabras clave: Baltasar Teles; jesuitas; Manuel Soeiro; cristianos nuevos; poesía neolatina.

Résumé: Le nom de Baltasar Teles, S. J., se trouve surtout lié à l'historiographie religieuse. Néanmoins, c'est sa longue expérience d'enseignement de disciplines dans les domaines des Humanités et de la Philosophie qui lui a permis d'avoir une œuvre imprimée en latin. Dans cet article, nous procédons d'abord à la traduction de l'introduction de son volumineux recueil de philosophie, pour nous dédier, par la suite, à la brève incursion de Teles dans les domaines les plus agréables de la poésie, où il se maintient fidèle à une tendance littéraire, ce qui n'est, par ailleurs, aucunement étrange, dans la mesure où il est un proche du célèbre Francisco de Moraes, l'auteur du “Palmeirim d'Angleterre”.

Mots-clés: Baltasar Teles; jésuites; Manuel Soeiro; nouveaux chrétiens; poésie néolatine.